



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS CAMPUS CIDADE DE GOIÁS UNIDADE
ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS – UEACH FILOSOFIA –
LICENCIATURA**

NIETZSCHE SERIA UM NILISTA?

MARCOS PAULO RODRIGUES TELES

CIDADE DE GOIÁS

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo do autor: Marcos Paulo Rodrigues Teles

Título do trabalho: Nietzsche seria um niilista?

2. Informações de acesso ao documento

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Gabriela Colantoni**,
Professor do Magistério Superior, em 24/02/2023, às 15:12, conforme
horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Paulo Rodrigues Teles, Discente**, em 03/03/2023, às 11:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3548863** e o código CRC **86D77FDF**.

Referência: Processo nº 23070.008987/2023-87

SEI nº 3548863

MARCOS PAULO RODRIGUES TELES

NIETZSCHE SERIA UM NILISTA?

Texto monográfico apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Goiás - Campus Goiás, como requisito avaliativo da disciplina Monografia II sob a orientação da Prof. Dra. Ana Gabriela Colantoni.

CIDADE DE GOIÁS

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rodrigues Teles, Marcos Paulo
Nietzsche seria um niilista? [manuscrito] / Marcos Paulo
Rodrigues Teles. - 2023.
XXXVII, 37 f.

Orientador: Profa. Dra. Ana Gabriela Colantoni .
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências
Humanas, Filosofia, Cidade de Goiás, 2023.
Bibliografia.

1. Dionísio . 2. Ética. 3. Niilismo . 4. Transvaloração . 5. Cristianismo .
I. Colantoni , Ana Gabriela , orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezesseis dias do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "NIETZSCHE SERIA UM NIILISTA?", de autoria de Marcos Paulo Rodrigues Teles, do curso de filosofia, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas (UAECH) da UFG. Os trabalhos foram instalados pela professora de Filosofia da UAECH (Goiás) - a Dra. Ana Gabriela Colantoni - com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: o professor de filosofia da UFG (Goiânia), o Dr. Ricardo Bazilio Dalla Vecchia, e pelo professor de filosofia da UFG (Goiás), o Dr. Pedro Jonas Almeida. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 8,5, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Gabriela Colantoni, Professor do Magistério Superior**, em 16/02/2023, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Jonas De Almeida, Professor do Magistério Superior**, em 16/02/2023, às 15:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Bazilio Dalla Vecchia, Professor do Magistério Superior**, em 02/03/2023, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3535759** e o código CRC **8B65C6A1**.

Nietzsche seria um niilista?

Resumo: Este trabalho pretende demonstrar principalmente, o naturalismo ético na filosofia de Nietzsche, em detrimento as doutrinas sobrenaturais como a filosofia platônica e o cristianismo. Em contestação à doutrina platônica e à ética cristã, a filosofia de Nietzsche busca uma transvaloração dos valores a partir do deus grego Dionísio, com a finalidade de se criar valores a partir de conceitos da “vida”, isto é, na realidade e no mundo natural, em detrimento aos conceitos de “Além”, “Deus”, “pecado”, “salvação” e “vida eterna”, disseminados pela ética cristã que estão pautados em uma ausência de causas e efeitos naturais. Assim, Nietzsche, que era comumente interpretado como um niilista, acaba por acusar o cristianismo de niilismo. Logo, este trabalho pretende demonstrar através do conceito de Dionísio que Nietzsche não era verdadeiramente um niilista e, que é possível defender a existência de uma ética-estética em Nietzsche, que prescreve um modo de vida revolucionário.

Palavras-chave: Dionísio; Ética; Niilismo; Transvaloração; Cristianismo.

Was Nietzsche a nihilist?

Abstract: This work intends demonstrate, mainly, the ethical naturalism in Nietzsche's, to the detriment of supernatural doctrines such as Platonic philosophy and Christianity. In opposition to Platonic doctrine and Cristian ethics, Nietzsche's philosophy seeks a transvaluation of values from the Greek god Dionysus, with the purpose of creation values from concepts of "life", that is, in reality and in the natural world, to the detriment of the concepts of "Beyond", "God", "Sin", "Salvation" and "Eternal Life", disseminated by christian ethics that are based on an absence of natural causes and effects. Thus, Nietzsche, who was commonly interpreted as a nihilist, ends up accusing christianity of nihilism. Therefore, this work intends to demonstrate through the concept of Dionysus that Nietzsche was not truly a nihilist and that is possible to defend the existence of an ethics-aesthetics in Nietzsche, which prescribes a revolutionary way of life.

Key-Words: Dionysus; Ethic; Nihilism; Transvaluation; Christianity.

SUMÁRIO

1. Lista de abreviaturas	7
1.1. Textos editados por Nietzsche:	7
1.2. Textos preparados por Nietzsche para edição:	7
1.3. Fragmentos póstumos	7
2. Introdução	8
3. Uma breve biografia	10
4. Artista, filólogo ou filósofo?	13
5. Dionísio versus o “Crucificado”	17
6. Nihilismo e a transvaloração de todos os valores	23
7. Considerações finais	29
8. Bibliografia	33

Solidão

Que poeira leve

Solidão

Olhe a casa é sua

E no meu descompasso

O riso dela

Na vida quem perde o telhado

Em troca recebe as estrelas

Pra rimar até se afogar

E de soluço em soluço esperar

O Sol que sobe na cama

E acende o lençol

Só lhe chamando

Solicitando...

(Tom Zé – Só (Solidão) [Alone (Solitude)])

1. Lista de abreviaturas

Para nossas citações dos textos de Nietzsche, optamos por usar o padrão dos Cadernos Nietzsche, que adotam a convenção da edição Colli/ Montinari das *Obras Completas* do pensador. As siglas em alemão estão acompanhadas das siglas em português para facilitar a identificação das referências. Nas citações, estarão contidas as abreviaturas, o nome do aforismo, parágrafo ou dissertação. Bem como o algarismo arábico que indicará o número do aforismo ou da seção. Em GT/NT, o algarismo indicará o número do parágrafo. Em GM/GM, a citação será composta pela abreviatura e o nome da dissertação, seguida pelo algarismo romano que se referirá ao parágrafo. Todas as referências encontram-se na Bibliografia.

1.1. Textos editados por Nietzsche:

GT/NT – Die Geburt der Tragödie (O nascimento da tragédia)

M/A – Morgenröthe (Aurora)

FW/GC – Die fröhliche Wissenschaft (A gaia ciência)

JGB/BM – Jenseits von Gut und Böse (Para além do bem e do mal)

GM/GM – Zur Genealogie der Moral (Genealogia da moral)

GD/CI – Götzen-Dämmerung (Crepúsculo dos ídolos)

1.2. Textos preparados por Nietzsche para edição:

AC/AC – Der Antichrist (O anticristo)

EH/EH – Ecce Homo

NF/FP – Fragmentos Póstumos

1.3. Fragmentos póstumos

NF/FP – Fragmentos Póstumo

2. Introdução

A filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900) é um verdadeiro labirinto. A má compreensão e percalços aos quais estamos suscetíveis na imersão da obra do filósofo alemão são imensos, e para cada interpretação pode-se encontrar outra que a contradiga facilmente. Desse modo, devemos ter em mente que Nietzsche é um pensador de problemas e não há um sistema filosófico que dê unidade para suas obras. Além disso, a suspeita com que Nietzsche trata o cristianismo deixa um ponto de interrogação no caminho trilhado pela humanidade na fundamentação de seus valores. Eugen Fink demonstra que Nietzsche aflora nossa desconfiança acerca do caminho trilhado pela humanidade na criação de nossa religiosidade, de nossa moral e até mesmo do nosso pensamento científico.

Nietzsche acalenta a suspeita de que este caminho seria um caminho errado, de uma recusa de tudo quanto até então se considerava “sagrado”, “bom” e “verdadeiro”. O nome de Nietzsche está indissoluvelmente ligado a uma crítica radical da religião da filosofia, da ciência e da moral. [...] Nietzsche nega impiedosa e claramente o passado, repudia todas as tradições, apela a uma reconversão radical. Com Nietzsche, o homem europeu chega a uma encruzilhada. [...] e a Nietzsche a consciência histórica que se volta e reflete sobre todo passado ocidental, examinando-o valorativamente (FINK, 1988, p.7-8).

Sendo assim, Nietzsche seria um niilista? O pensador iconoclasta idealizou uma humanidade onde não existiria nenhum valor? Essas são as indagações que norteiam nossas reflexões no decorrer da elaboração desta pesquisa. Além disso, temos por objetivo neste trabalho identificar alguns conflitos existentes na filosofia do pensador alemão. Nesse sentido, temos por finalidade: (i) Analisar aspectos biográficos do pensador alemão que consideramos pertinentes para nossa indagação principal expostas no início do parágrafo; (ii) Pesquisar aspectos de sua filosofia de juventude¹ que irão impactar em seu pensamento no período de maturidade, principalmente em aspectos sobre a influência do deus Dionísio na formulação de alguns dos seus problemas filosóficos que apareceram em boa parte de suas obras; (iii) Analisar como se dá o conflito com que o pensador alemão termina sua autobiografia *Ecce Homo* – “Fui compreendido? – Dionísio contra o Crucificado” (*Dionysos gegen den Gekreuzigten*)²; (iv) Identificar como é travado o embate entre *Dionísio contra Sócrates*; (v) Refletir sobre o processo com que o conceito do dionísico e do socratismo foram se transmutando ao longo do tempo, até se chegar à gênese do conflito entre Dioniso contra o crucificado (*Dionysos gegen den Gekreuzigten*); (vi) E, por fim, tentar categorizar o significado do conceito de Niilismo na concepção do pensador alemão que é um tema fundamental para compreensão do projeto da transvaloração de todos os valores.

1 Acerca dos períodos da filosofia de Nietzsche: “O primeiro período estaria situado, aproximadamente, entre os anos de 1870 e 1876. O segundo momento vai de 1876 a 1882, sendo seguido pela derradeira fase, iniciada em 1882 e abruptamente interrompida em 1889” (GIACOIA JUNIOR, 2000, p.15-16).

2 (EH/EH, Por que sou um destino, § 9).

Não obstante, procuramos demonstrar algumas passagens da vida de Friedrich Nietzsche, em busca de trazer um pouco de luz para nossa interpretação das obras do pensador. Mesmo sabendo que é muito problemático analisar o trabalho de um autor pela sua biografia, imaginamos que o ponto de partida para uma boa imersão na filosofia nietzschiana seria analisar aspectos de sua biografia, em busca de ser o mais fidedigno possível com as intenções do filósofo alemão. Nesse sentido, procuramos ao longo desta pesquisa, fazer uma interpretação nietzschiana dos textos de Nietzsche.

Posteriormente, faremos uma exposição acerca do pensamento de Nietzsche em seu período de juventude quando arte, filologia e ciência se uniram no espírito do pensador alemão, para dar início a uma forma inovadora de filosofar. Para tanto, usamos sua primeira obra: *O Nascimento da Tragédia*, com a intenção de analisar aspectos sobre o que significa os conceitos de Apolo e Dionísio, bem como, suas pulsões (o apolíneo e o dionísico), como expressões que surgem propriamente da natureza e são capazes de criar a identidade, bem como de subvertê-la. Nesse sentido, iremos mostrar como o Dionísio desponta no pensamento nietzschiano através da importância que o filósofo alemão dava para os estudos acerca da cultura grega da antiguidade.

Em outro momento, apresentaremos a mudança radical de perspectiva de nosso autor. A partir de sua autobiografia *Ecce Homo*, procuramos analisar como a concepção do conceito de dionisíaco emerge no pensamento de Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia*, ademais, investigaremos como ele irá associar-se à filosofia peremptória do pensador alemão, através de sua autobiografia³. É essa intersecção que buscaremos encontrar, entre o trabalho de juventude de Nietzsche com sua autobiografia e os fragmentos póstumos. Não obstante, nos chama a atenção como o conceito de dionisíaco, de socratismo e de crucificado são instigantes com o decorrer das nossas leituras das obras do filósofo alemão. Chama nossa atenção também, como esses conceitos foram transformando-se, juntamente com a concepção de mundo do próprio filósofo. Tomaremos, para tanto, o vínculo estabelecido por Nietzsche entre *O Nascimento da Tragédia* e *Ecce Homo*. Além disso, o rompimento que acontece a partir de *Humano Demasiado Humano*, mostra-nos como foi se metamorfoseando seus conceitos iniciais para podermos compreender a relação entre a arte e a vida, bem como o surgimento da psicologia do trágico, e por fim, a visão dionisíaca do mundo. Por fim, analisaremos o conceito de Niilismo para podermos dimensionar qual seria o plano ambicioso do projeto da Transvaloração de todos os valores.

O objetivo de apresentarmos os capítulos sobre “*O Nascimento da Tragédia*”, bem como tratarmos do conceito de dionisíaco é, justamente, para compreendermos o que significa o projeto

3 *Ecce Homo*.

da transvaloração de todos os valores para Nietzsche. Demonstraremos, como o conceito de Dionísio se transmutará no decorrer do pensamento nietzschiano, transformando-se no principal opositor ao “Crucificado”, que é a representação de tudo que remete aos valores da tradição cristã. Portanto, acreditamos que na filosofia de maturidade do pensador alemão, se manifestará os conceitos já trabalhados durante sua juventude. Logo, o niilismo, isto é, a nadificação dos valores sadios, despontou primeiramente, no problema de Sócrates, pela introdução de sua visão moralizada de mundo. Através da exacerbação da pulsão apolínea com a introdução dos imperativos “conheça-te a ti mesmo” e “nada em demasia”, isso será interpretado por Nietzsche como Apolo sendo a entidade moralizante do espírito grego e Sócrates seu arauto. Além do mais, Sócrates é visto como niilista pelo pensador alemão, porque sua doutrina do “mundo das formas” ou “mundos das ideias”, não passaria de conjecturas erradas acerca de realidade e da metafísica. Nesse sentido, Sócrates será o primeiro personagem da história a professar toda antinatureza que irá impactar no pensamento cristão futuramente. Deste modo, o excesso de racionalidade introduzida por ele na Grécia antiga culminaria na expulsão do espírito dionisíaco que é a representação tudo que é natural em nosso mundo.

Portanto, nossa intenção ao apresentar a filosofia dionisíaca do pensador alemão será a busca por encontrar um liame entre os seus escritos iniciais em seu tratado de estética, com a filosofia peremptória das suas obras *A genealogia da moral*, *O crepúsculo dos ídolos* e *O Anticristo*. Afirmamos ainda, que acreditamos que Dionísio é o personagem usado por Nietzsche para colocar em prática o projeto da transvalorações de todos os valores, e o embate entre Dionísio e o “Crucificado” seria uma tentativa de subverter os valores despojados de sentido professadas pelas doutrinas cristão que são fundamentadas pelo “mundo do além” criada inicialmente por Sócrates. Assim, no decorrer de nossa pesquisa, a visão dionisíaca do mundo será apresentada como uma forma de anti-niilismo contido na filosofia do pensador alemão, em busca de trazer sentido para uma humanidade que encontra-se despojada de valor, que prefere adorar o “nada” do que fundamentar sua vida em valores sadios que poderiam ser o reflexo da natureza e da realidade.

3. Uma breve biografia

Todo indivíduo é produto de seu tempo, com Nietzsche isso não foi diferente. Nascido em uma família de protestantes onde seu pai era pastor, e sua mãe também descendia de uma família de pastores. Iniciou seus estudos em Naumburgo, aos quatorze anos de idade, onde se dedicava, principalmente, à teologia, pois queria ser pastor seguindo os passos do pai. No entanto, sente-se muito atraído pela música e poesia, então começa a escrever e compor. Passando por um tempo de autodescoberta, decide abandonar o curso de teologia e se dedicar a filologia, onde irá ter seu primeiro contato com a filosofia através dos textos dos pré-socráticos (MARTON, 2006).

Em 1858, inicia seus estudos no internato longe de sua família no Colégio Real de Pforta, com os amigos Carl von Gerdorff (1844-1904) e Paul Deussen (1845-1919). Em 1863, Nietzsche, funda uma sociedade literária batizada de “Germania”. Seus primeiros êxitos acadêmicos foram em 1866 ao fundar a Sociedade Filológica de Leipzig, onde nas reuniões lia os seus próprios trabalhos. Em 1868, é convocado para o serviço militar, onde é dispensado após sofrer um acidente e lesionar o ombro quando andava a cavalo. Volta para Naumburgo, sua cidade natal, onde se recupera com a família. Com vinte e quatro anos, é convidado para lecionar na Suíça, e então torna-se professor de filologia clássica na Universidade da Basileia. Em dezembro de 1871, termina de escrever seu primeiro livro *O nascimento da tragédia no espírito da música* que foi publicado em 1872 (MARTON, 2006).

Em 1873, inicia uma série de escritos polêmicos, traço característico de sua personalidade e uma marca importante em seu estilo de vida e seu modo de pensamento. Publica *David Strauss, o confessor e o escritor* nesse mesmo ano. Em 1874, redige *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* e *Schopenhauer como educador*. Os traços desses escritos marcam uma crítica radical à cultura de sua época, apontando Wagner e Schopenhauer como renovadores da cultura alemã (MARTON, 2006).

Nos anos que se seguem, decide reunir uma série de fragmentos. Então, lança *Humano, demasiado humano – um livro para espíritos livres* em 1878. No ano seguinte, Nietzsche cai em enfermidade. Sua saúde se deteriora, e seus compromissos profissionais se tornam cada vez mais inviáveis, então passa a receber uma pensão de quatro mil francos por ano, por seus serviços prestados à comunidade. Neste período, Nietzsche vive uma vida “nômade”, sem residência fixa, percorrendo vários vilarejos da Suíça. Em 1881, termina de escrever *Aurora*. No ano seguinte, termina de redigir *A gaia ciência*. Essas duas obras juntas com *Humano, demasiado humano* são uma cadeia de pensamentos para Nietzsche, onde ele critica as normas morais, a tradição e o impacto dos costumes na vida da coletividade, investigando o papel da educação familiar, da política e da religião na vida das pessoas (MARTON, 2006).

Após muitas viagens, passando por um momento conturbado entre enfermidade e depressão, Nietzsche publica *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém* em 1883. Em 1886, publica *Além do bem e do mal – prelúdio a uma filosofia do futuro*. Em 1887, preocupado com “O niilismo europeu” – como ele gosta de dizer – elabora *A genealogia da moral – uma polêmica*, onde reflete sobre a seguinte questão: como o ser humano inventou os conceitos de “bem” e “mal”, de onde eles vêm? Nesse sentido, Nietzsche, fará uma análise do ponto de vista histórico-linguístico para analisar qual a dimensão e profundidade dos juízos de valores em sua evolução temporal e espacial. Nessas obras, ele observa que em algum momento e em algum lugar

os valores foram criados por atos de julgamento, e que, por sua vez, esses próprios julgamentos devem ser submetidos a um critério de avaliação, salientando assim, a necessidade da *transvaloração dos valores*. Seus últimos escritos foram os de 1888 *O caso Wagner, O Crepúsculo dos ídolos – como filosofar a golpes de martelo, O Anticristo* – uma crítica ferrenha ao cristianismo que pretender varrer tudo que é cristão da face da terra, e o *Ecco homo* (MARTON, 2006).

Nos primeiros dias de 1889, Nietzsche cai em adoecimento e, rompe com a realidade, como expõe Martin Heidegger no livro “*Nietzsche – volume I*”,

Quando a loucura se abate sobre Nietzsche nos primeiros dias de janeiro de 1889, no dia 4 de janeiro, ele escreveu como um último sinal ao amigo coadjutor, o compositor Peter Gast, um cartão postal com o seguinte conteúdo:

“A meu maestro Pietro. Canta para mim uma nova canção: o mundo está transfigurado e todos os céus se alegram. O Crucificado” (HEIDEGGER, 2010, p.16-17).

Além do mais, Jean Lefranc, em sua obra “*Compreender Nietzsche*”, narra um fato pitoresco que aconteceu com o pensador alemão em seus primeiros dias de adoecimento mental,

nos primeiros de 1889: é conhecida a cena grotesca e patética de Nietzsche jogando-se em prantos no pescoço de um cavalo açoitado por um cocheiro numa rua de Turim. De início parece que Nietzsche só foi cercado de simpatia e de devotamento. Mas, alertado pelo hoteleiro de Turim e por uma carta de Nietzsche em tom de delírio, seu velho amigo da Basileia, o professor Franz Overbeck, foi encontrá-lo imediatamente em Turim, trazendo-o de volta a Basileia, não sem dificuldade (para evitar a internação forçada), onde ficou internado durante catorze anos (LEFRANC, 2005, p.20-21).

Entretanto, classificar todo o pensamento de Nietzsche como a “filosofia de um louco”, seria muita arbitrariedade e um certo comodismo como forma de não confrontar os problemas filosóficos apontados em suas obras polêmicas. Além disso, por que não ouvir um pensador que viveu muitos anos em enfermidade na linha tênue entre loucura e a lucidez? Como não fazer uma intersecção entre a loucura e a genialidade? No aforismo 14 do livro *Aurora* encontramos a seguinte passagem, em que Nietzsche faz uma reflexão sobre o significado da loucura na história da moralidade dos costumes,

Se, apesar da terrível pressão da “moralidade do costume”, sob a qual viveram todas as comunidades humanas, por muitos milênios antes de nosso calendário, e também, no conjunto, até o dia de hoje (nós habitamos o pequenino mundo das exceções e, por assim dizer, sua zona ruim): – se apesar disso, afirmo, sempre irromperam ideias, valorações, instintos novos e divergentes, isso ocorreu em horripilante companhia: em quase toda parte, é a loucura que abre alas para a nova ideia, que quebra o encanto de um uso e uma superstição venerados. Compreendem por que tinha que ser a loucura? Algo que fosse, em voz e gestos, assustador e imprevisível como os demoníacos humores do tempo e do mar e, portanto, digno de semelhante temo e observação? Algo que ostentasse tão visivelmente o signo da completa involuntariedade como os tremores e a baba de um epilético, que parecesse distinguir o louco como máscara e porta-voz de uma divindade? Algo que infundisse, no portador de uma nova ideia, não remorsos, mas a reverência a temos ante si mesmo, levando-o a tornar-se profeta e mártir dessa ideia? – Enquanto hoje sempre nos dão a entender que ao gênio não foi dado um grão de sal, mas o tempero da loucura, todos os homens de outrora tendiam a

crer que onde houver loucura haverá também um grão de gênio e de sabedoria – algo “divino” (...) (M/A, Significação da loucura na história da moralidade, § 14).

Ora, Friedrich Nietzsche é uma das maiores figuras do pensamento ocidental, com o perfil de um indivíduo fatídico no qual podemos notar que em suas obras intelectuais, bem como em alguns episódios que marcaram seu estilo de vida, ele demonstra-nos que somos obrigados a tomar decisões em nossas vidas, e sobretudo dizer “*Sim*” para ela, mesmo em seus momentos mais difíceis. Além de ser capaz de mudar drasticamente nossa visão de mundo, sua filosofia é instigante e perspicaz, notamos ao longo de nossas leituras que o pensador alemão possui um estilo ímpar de refletir acerca do comportamento humano, sua ética, suas normas e leis, sua cultura e suas práticas sociais.

4. Artista, filólogo ou filósofo?

A mitologia do deus Dionísio é muito fascinante. O deus místico é uma entidade das mais encantadoras de toda cultura que herdamos da antiguidade. Possui o poder de nos impactar e produz um sentimento de deslumbramento quando ouvimos ou lemos suas histórias, provavelmente pelo seu caráter que possui multiplicidade e contradição – às vezes é um ancião, às vezes um jovem, ora aparece com traços afeminados de uma mulher, ora com a masculinidade exacerbada de um homem – nasce do fogo que ferve o vinho e jorra dele intensamente, ora para alegria do Tíaso⁴, bem como para a loucura sangrenta com que mata suas presas.

Silva expõe em sua tese de doutorado que há um certo conhecimento aprofundado sobre a mitologia do mencionado deus grego. Além disso, demonstra que ele possui um poder de sedução que consegue impactar quem volta seus olhos para a Grécia antiga. Dionísio foi objeto de estudo de filólogos, historiadores e artistas. Todavia, pode-se dizer que o conhecimento sobre ele alcançou um patamar diferente com o pensamento nietzschiano por inseri-lo em seus problemas filosóficos de diferentes formas: em sua filosofia de juventude como uma pulsão, e posteriormente em sua maturidade como um conceito.

A partir dos estudos clássicos, sejam historiográficos, filológicos, ou mesmo mediante contemplação das obras de arte da Antiguidade, acumulou-se um conhecimento, de certo modo, aprofundado sobre Dionísio, de seus mitos, ritos e cultos. No entanto, podemos dizer que este saber acumulado nunca alcançou, antes de Nietzsche, o cunho de problema de primeira ordem na história do pensamento. Nietzsche foi o primeiro a inserir Dionísio na história da filosofia como uma questão de gravidade. Sabemos que Dionísio ocupa um lugar de destaque no pensamento do filósofo, designando um papel fundamental para a edificação de seu pensamento estético-filosófico desde os primeiros escritos, acompanhando-o na totalidade de sua obra. Sendo recorrente nos últimos textos publicados em vida e nos fragmentos póstumos, utilizados, até mesmo, como heterônimo na forma de assinatura em algumas cartas. (SILVA, 2018, p.13).

4 Cortejo que acompanhava o deus Dionísio.

Durante os anos em que escreve *O Nascimento da Tragédia*, o jovem filósofo inaugura uma nova forma de analisar a estética do povo grego unindo arte, filologia e filosofia. O que por sua vez lhe rendeu várias críticas de outros filólogos de sua época, principalmente de Wilamowitz-Moellendorf⁵. No entanto, o jovem pensador já demonstrava que não estava de olho em holofotes, o que nos parece no mínimo contraditório, levando em conta seus escritos da maturidade onde pode-se notar traços de megalomania, como por exemplo em *Ecce Homo* onde ele se intitula como o “destino”. Mas, deixando seus delírios de grandeza para outro momento, devemos ter em mente que a diferença principal entre *O Nascimento da tragédia* e os demais trabalhos de filologia da época é, sobretudo, o seu estilo. O pensador alemão se recusava a escrever no modelo cientificista convencional da academia. Ele propunha uma forma de escrever mais criativa, inserindo arte e filosofia para aumentar a perspectiva que o leitor teria ao deparar-se com seus textos, uma forma mais lírica que expandisse o intelecto ao confortar-se com as palavras, na tentativa de criar imagens na imaginação de quem se propunha a ler suas obras. Em uma carta a seu amigo Erwin Rohde⁶ durante o período da escrita de *O Nascimento da Tragédia*, o pensador mostra-nos como a ciência, a arte e a filosofia estavam impactando suas obras:

Mas não quero ser provocado: realmente não tenho uma ambição literária, não preciso me apegar a um modelo predominante, porque não me esforço para posições brilhantes e famosas. Pelo contrário, quero, quando chegar o momento oportuno, me expressar de maneira mais séria e franca possível. Agora, ciência, arte e filosofia crescem juntas de tal forma dentro de mim que algum dia, certamente, pelo menos vou parir Centauros.⁷ (Carta a Erwin Rohde de 15 de fevereiro de 1870 apud DE ANDRADE, 2018, *Apêndice*, p. VIII).

Não obstante, em *O Nascimento da Tragédia* pode-se observar como Nietzsche foi um amante da cultura grega. Dentre os povos da antiguidade eles eram os únicos capazes de demonstrar a vida como ela realmente é. Um povo que era caracterizado pelo sofrimento e pela dor, que foi capaz de criar a arte e o mito para tornar os tormentos da existência mais suportáveis. Nesse contexto, os gregos viviam segundo sua capacidade intuitiva, afirmavam seu mundo na lei que ordena a natureza, que se manifesta principalmente no pensamento dos pré-socráticos. Contudo, os gregos, em busca da transfiguração de seus sofrimentos, procuraram um alento em suas manifestações culturais advindas da natureza que despontavam em suas pulsões artísticas.

5 Filólogo de latim e grego da famosa escola de Pforta onde Nietzsche também era aluno.

6 Foi aluno com Nietzsche em Bonn e Leipzig onde se tornaram amigos.

7 Doch will ich mich nicht anfechten lassen: litterarischen Ehrgeiz habe ich eigentlich gar nicht, an eine herrschende Schablone mich anzuschliessen brauche ich nicht, weil ich keine glänzenden und berühmten Stellungen erstrebe. Dagegen will ich mich, wenn es Zeit ist, so ernst und freimüthig äussern, wie nur möglich. Wissenschaft Kunst und Philosophie wachsen jetzt so sehr in mir zusammen, dass ich jedenfalls einmal Centauren gebären werde.

A procura de Nietzsche pela origem e expressão da natureza fez com que ele imaginasse uma cosmologia que ocorre no embate “harmônico” entre oposições totalmente contrárias, que são forças geradoras onde uma não prevalece sobre a outra. Essas influências dos gregos no jovem Nietzsche irão se manifestar em seu tratado de estética, através das forças contrárias de Apolo e Dionísio que são mundos de “impulsos” distintos, em que Apolo é representado como o deus da luz, do mundo dos sonhos e da bela aparência. Enquanto Dionísio é o deus da natureza, fertilidade e embriaguez. Como sendo antagônicos, duas forças que lutam uma contra a outra, mas que quando se conciliam são capazes de conceber uma nova força artística que é a *tragédia*. Por conseguinte, as forças contrastantes de Apolo e Dionísio colocam em xeque a identidade do sujeito, o que por sua vez rompe os limites entre o verdadeiro e o falso, penetrando no âmago de cada ser humano, como forças que vêm da própria natureza que independem da educação artística do indivíduo ou alguma vocação intelectual.

Até agora examinamos o apolíneo e o seu oposto, o dionisíaco, como poderes artísticos que, *sem a mediação do artista humano*, irrompem da própria natureza, e nos quais os impulsos artísticos desta se satisfazem imediatamente e por via direta: por um lado, como o mundo figural do sonho cuja perfeição independe de qualquer conexão com a altitude intelectual ou a educação artística do indivíduo, por outro, como realidade inebriante que novamente não leva em conta o indivíduo, mas procura inclusive destruí-lo e libertá-lo por meio de um sentimento místico de unidade. Em face desses estados artísticos imediatos da natureza, todo artista é um “imitador”, e isso quer como artista apolíneo, quer como artista dionisíaco, ou enfim – como por exemplo na *tragédia grega* (GT/NT, § 2).

Além disso, o pensador alemão associa Sócrates à pulsão apolínea, porque nesse estado o indivíduo estaria no ápice de sua racionalidade. Assim, o jovem Nietzsche defende ao longo de sua primeira obra que há uma conexão entre Apolo e o racionalismo socrático que configura a individuação de cada ser humano, ou seja, a subjetividade autoconsciente que determina a fronteira individual de cada pessoa para outra pessoa. Deste modo, essa pulsão seria responsável por manter a moralidade dos cidadãos e, por conseguinte, a manutenção da ordem social. Essa subjetividade autoconsciente aconteceria através do imperativo categórico socrático – conheça a ti mesmo – que seria, com efeito, o formador do *principium individuationis*⁸

Esse endeusamento da individuação, quando pensado sobretudo como imperativo e prescritivo, só conhece *uma* o indivíduo, a *medida* no sentido helênico. Apolo, como divindade ética, exige dos seus a medida e, para poder observá-la, o autoconhecimento. E assim, corre, ao lado da necessidade estética da beleza a exigência do “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia”, ao passo que a auto-exaltação e o desmedido eram considerados como demônios hostis da esfera não-

8 O *principium individuationis* (princípio da individuação) é incorporado pela filosofia de Nietzsche, por influência de Arthur Schopenhauer (1788-1860) que está em sua obra: *O mundo como vontade e como representação* (1818). Esse termo diz respeito às formas do espaço e do tempo, que por sua vez possui pluralidade na sucessão de um fenômeno para o outro. Em detrimento do Uno-primordial que é essencial e indiviso.

apolínea, portanto como propriedades da época pré-apolínea, da era dos Titãs e do mundo extra-apolíneo, ou seja, do mundo dos bárbaros (GT/NT, § 4).

Por outro lado, a força primitiva narcotizante de Dionísio rompe com o *principium individuationis*: “Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu da Maia tivesse sido rasgado, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do misterioso Uno-primordial (GT/NT, § 1).” Por outro lado, a pulsão dionisíaca é a transfiguração do indivíduo e o rompimento com o *principium individuationis*, que é caracterizado pelo completo “*esquecimento de si mesmo*” e o retorno ao natural, ao animalesco onde o deus Dionísio era cultuado em celebrações ritualísticas através do ditirambo que era um cântico de pessoas embebedadas pelo vinho nas festividades da primavera fazendo os seres humanos não se sentirem somente individuais, mas integrados à força misteriosa do Uno-primordial.

Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar, e está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares. De seus gestos fala o encantamento. Assim como agora os animais falam e a terra dá leite e mel, do interior do homem também soa algo de sobrenatural: ele se sente como um deus, ele próprio caminha agora tão extasiado e enlevado, como vira em sonho os deuses caminharem. O homem não é mais artista tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez. (GT/NT, § 1).

Segundo Nadja Hermann, Nietzsche reflete sobre nossa compreensão de identidade do sujeito. O filólogo alemão abandona a tradição humanista e traz perspectivas totalmente inovadoras sobre a noção de identidade. Os fundamentos para tal empreitada estariam, inicialmente, em pressupostos metafísicos contidos em *O Nascimento da Tragédia*, principalmente nas reflexões feitas acerca do sujeito racional, de sua consciência de si e da sua consciência moral. Nessa perspectiva, em Nietzsche, o sujeito não é mais consciente em todos os momentos de sua vida, existiria por meio da pulsão dionisíaca um sujeito inconsciente que age de forma irracional: “em Nietzsche, haverá por meio do impulso dionisíaco, a negação de identidade para sobressair uma consciência de superfície, na multiplicidade da diferença. (HERMANN, 2021, p.40).” Contudo, pelo pensamento platônico-socrático, e pelo idealismo como um todo, têm-se a ideia de que um há um mundo imutável e suprassensível um “mundo verdadeiro” por detrás do “mundo mentiroso” em que vivemos.

Nietzsche expõe ao longo da obra o processo de nascimento e desaparecimento dessa grandiosa arte e demonstra simpatia por Dionísio, enquanto exaltação da vida e delírio místico e acusa Sócrates de ser o homem teórico que introduz a crítica moralizante ao invés da sabedoria instintiva. Sócrates está associado ao “esquematismo lógico”, pelo qual “cristalizou-se a tendência apolínea” (HERMANN, 2021, p.41 Apud GT/NT, § 15), uma racionalidade separada de pulsões, que se exprime, através da autoconsciência, mesmo quando tem consciência de não-saber. Separada de suas raízes dionisíacas, a racionalidade

apolínea perde o vigor e torna-se decadente. A acusação que Nietzsche fará a Sócrates – um demônio – apesar de toda a retórica que o entende como um dos grandes criadores do pensamento ocidental, é de que o filósofo criou as condições de uma “representação ilusória”, “aquela fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge os abismos mais profundos do ser” (HERMANN, 2021, p.41 Apud GT/NT, § 15). A condenação de Sócrates encontra-se associada à sua negação da vida, pois a partir de seus ensinamentos, do cristianismo e do idealismo, a vida foi entendida num sentido transcendental, o que deve ser desmascarado (HERMANN, 2021, p.41).

Nesse sentido, Hermann expõe que Nietzsche faz uma acusação a Sócrates associando-o a toda negação da vida, da natureza, e do que realmente existe. Assim sendo, esses ensinamentos negadores da vida estariam conectados às tradições culturais do cristianismo e do idealismo, justamente por interpretarem a vida em um sentido metafísico e transcendental, desvalorizando o mundo natural em benefício de outro inexistente. Desse modo, surgirá a crítica ferrenha do pensador alemão em sua maturidade ao cristianismo, à moral e à verdade por estarem fundamentadas em subjetividades totalmente equivocadas que teriam sua gênese no pensamento platônico. Portanto, é importante notar que são os mesmos motivos que influenciam o início da investigação de Nietzsche acerca da cultura grega, que irão impactar diretamente seus escritos de maturidade.

Dentro de seu espírito próprio, os motivos derradeiros de Nietzsche aproximavam-se daqueles de seu início; sua obra inaugural corrobora, portanto, a radicalidade de seu último projeto. Este, todavia, não se assemelha a ela tão-só pela proximidade de seu espírito, porquanto aquele embate entre o dionisíaco e o socrático é retomado e imiscuído na meta a que pretende atingir o filósofo alemão. Assim, a transvaloração de todos os valores vislumbra também aquela contraposição que emerge da investigação sobre a tragédia grega. (LIMA, 2005, p.136).

5. Dionísio versus o “Crucificado”

A emblemática pergunta com que Nietzsche termina sua autobiografia *Ecce homo* – “Fui compreendido? – Dionísio contra o Crucificado” (*Dionysos gegen den Gekreuzigten*)⁹. – Nos traz várias dúvidas acerca dos conceitos e intenções do filósofo alemão na sua busca pelo projeto da transvaloração de todos os valores. O que significa o deus grego Dionísio para Nietzsche? Mas, afinal, por que Dionísio versus o Crucificado (*Dionysos gegen den Gekreuzigten*)?

Para entender a concepção de Dionísio no pensamento de Nietzsche, depende-se, principalmente, de analisar a compreensão que o próprio filósofo possui acerca do conceito, tendo em vista que sua filosofia se iniciou através da investigação da importância do deus Dionísio para os antigos gregos na formação de sua visão do mundo¹⁰. Nessa obra, Nietzsche analisou a relação da pulsão dionisíaca com a cultura grega, que por sua vez, teria lhe revelado o que há de mais

9 (EH/EH, Por que sou um destino, § 9).

10 *O nascimento da tragédia (Die geburt der tragodie)* (1872).

problemático no fundo de nossa existência. Além disso, em *Ecce Homo*, Nietzsche faz uma releitura de sua primeira obra, dizendo que foi um início de admirar-se, e que é ali onde está o princípio do embate entre Dionísio e Sócrates. Além disso, essa obra teria um papel fundamental em seu projeto da transvaloração de todos os valores.

(...) As duas decisivas novidades do livro são, primeiro, a compreensão do fenômeno dionisíaco nos gregos – oferece a primeira psicologia dele, enxerga nele a raiz única de toda a arte grega. Segundo a compreensão do socratismo: Sócrates pela primeira vez reconhecido como instrumento da dissolução grega, como típico decádent. “Racionalidade” contra instinto. A “racionalidade” a todo preço como força perigosa, solapadora da vida! – Profundo e hostil silêncio sobre o cristianismo em o todo o livro. Ele não é apolíneo nem dionisíaco; nega todos os valores estéticos – os únicos valores que o Nascimento da tragédia reconhece: o cristianismo é niilista no mais profundo sentido, enquanto no símbolo dionisíaco é alcançado o limite último da afirmação. Em um momento se alude aos sacerdotes cristãos como uma “pérfida espécie de anões”, de “seres subterrâneos” ... (EH/EH, *O Nascimento da Tragédia*, §1)

É muito importante notar que, em forma de elogios a si mesmo, Nietzsche diz que seu primeiro livro lhe mostrou a psicologia do fenômeno dionisíaco que se manifestava no povo grego, bem como seria a base de toda sua arte. Em um segundo momento, afirma que o livro também lhe mostrou pela primeira vez seu entendimento acerca do socratismo. Percebe-se que o filósofo alemão procura criticar incisivamente a busca do racionalismo socrático por tentar dominar todos os instintos e impulsos dos indivíduos. Não obstante, o pensador continua acusando o cristianismo de ser niilista, e que o conceito de Dionísio seria algo que demonstra o oposto de tudo o que possui sua fundamentação na doutrina cristã. Contudo, constata-se que Nietzsche observa que, mesmo guardando absoluto silêncio sobre o cristianismo em *O Nascimento da Tragédia*, houve um saldo muito positivo por suas descobertas mencionadas.

Nesse sentido, inicialmente, se faz necessário observar que no período mais maduro de Nietzsche já não se encontra os fundamentos metafísicos de outrora como constata-se no seu primeiro livro. Com efeito, nota-se uma mudança em sua avaliação acerca de sua primeira obra. Mas por que essa mudança acontece? Como se dá o processo de transformação de perspectiva no pensamento de Nietzsche? Esse redimensionamento acontece a partir das influências que nosso pensador sofre em *Humano, demasiado humano*, como explica Lima: “(...) Investigando a totalidade da obra nietzscheana, dir-se-ia que a mudança de perspectiva concernente à análise de *O nascimento da tragédia* segue *pari passu* o redimensionamento que as primeiras influências sofrem a partir de *humano, demasiado humano*” (LIMA, 2006, p.140).

A desconfiança metafísica de Nietzsche influenciada pelo ceticismo marcou um ponto muito importante em sua visão dionisíaca do mundo. Não é mais possível a concepção de uma tragédia grega partindo da divisão entre a pulsão apolínea e dionisíaca, tampouco é possível falar acerca do Uno-primordial e da interação existente entre esses três conceitos. Nietzsche, ao

introduzir o seu modo de fazer filosofia através da história, constata que a influência de Dionísio na cultura grega teria sido perdida através do legado de Sócrates, como expõe Müller.

(...) Sócrates responsabilizou os “instintos” pela perigosa radicalização ocorrida em seu ambiente. Segundo Nietzsche, ao ser confrontado com semelhante situação, Sócrates estabelece por meio da dialética a tirania da razão; e ele estabelece como um “contratirano” contra a tirania da sensualidade e dos impulsos inconscientes. A razão como o domínio próprio do sentido além da sensualidade anuncia de agora em diante a possibilidade de um saber não determinado contextualmente que assume a verdade como fio condutor. Com esta invenção, Sócrates se torna segundo Nietzsche “transvalorador” de influência mais duradoura no pensamento europeu. [...] somente na supressão do desejo o ser racional se conhece como sendo em igual medida autônomo, moral e feliz (MÜLLER, 2012, p.46-47).

Müller demonstra que Nietzsche considera Sócrates o “transvalorador” com maior influência ao longo dos tempos no pensamento europeu e que, além disso, a influência socrática seria responsável por mudar a visão de mundo dos gregos expulsando o dionísico de seu modo de vida através da racionalidade. Contudo, o primeiro livro de Nietzsche não só teria explicado o nascimento da tragédia na cultura grega, mas, muito além disso, essa interpretação atingirá o ser humano europeu do século XIX pela procedência de sua forma moral de enxergar o mundo, que teria ocorrido em grande parte, pelas influências dos antigos gregos e, em especial, pelo problema de Sócrates. Deste modo, segundo o filósofo alemão, só será possível a concepção de um mundo verdadeiro, partindo de causas naturais que devem ser fundamentadas através da ciência. Sob esses aspectos, ergue-se o procedimento do filosofar histórico nietzschiano. Lima constata que a ciência será fundamental para o surgimento desse novo procedimento usado pelo filósofo alemão.

Elegendo a ciência como modelo inexpugnável para o filosofar histórico, Nietzsche pretende revelar, portanto, esse processo a que está exposto o homem, desvendando assim como ele chegou a interpretar o mundo a partir de uma concepção metafísica. Também denominada por ele de “química das representações e sentimentos morais” – uma das colunas de sustentação do seu modelo de filosofar histórico –, esta deve mostrar que foram os procedimentos próprios do homem que o precipitaram em seus dogmas: mesmo antes de existir uma ordenação metafísica do mundo, este já havia sido colorido com as cores retiradas do intelecto humano (LIMA, 2006, p.107).

Contudo, essa interpretação que Lima faz sobre Nietzsche, partindo do ponto de vista do pensamento científico e do filosofar histórico, demonstra o procedimento que Nietzsche usará em seu primeiro combate, isto é, Dionísio versus Sócrates que também já está posto entre o natural contra o sobrenatural, assim como acontece com o cristianismo. Nietzsche visa livrar-se das ilusões metafísicas socráticas, ao demonstrar que não existe nenhum *mundo aparente*, nenhum *mundo das ideias*, não há nada que seja imutável ao longo do tempo. Portanto, a arte, a moral, a religião, a cultura etc. também seriam uma forma do intelecto humano interpretar a realidade de uma determinada época, e os filósofos dogmáticos que transformaram o ser humano em uma *aeterna veritas* deveriam ser combatidos por seus meta-erros.

Não sou, por exemplo, nenhum bicho papão, nenhum monstro moral – sou até mesmo uma natureza oposta à espécie de homem que até agora se venerou como virtuoso. Cá entre nós, parece-me que justamente isso forma parte de meu orgulho. *Sou um discípulo do filósofo Dionísio, preferiria ser um sátiro a ser um santo.* [grifo feito por nós]. Mas leia-se este escrito. Talvez eu o tenha conseguido, talvez não tenha ele outro sentido senão expressar essa oposição de maneira feliz e afável. A última coisa que eu prometeria seria “melhorar” a humanidade. Eu não construo novos ídolos; os velhos que aprendam o que significa ter pés de barro. Derrubo ídolos (minha palavra para “ideais”) – isto sim é meu ofício. A realidade foi despojada de seu valor, seu sentido, sua veracidade, na medida em que se forjou um mundo ideal... O “mundo verdadeiro” e o “mundo aparente” – leia-se: o mundo forjado e a realidade... A mentira do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade, através dela a humanidade mesma tornou-se mendaz e falsa até seus instintos mais básicos – a ponto de adorar os valores inversos aos únicos que lhe garantiriam o florescimento, o futuro, o elevado direito ao futuro (EH/EH, *Prólogo*, § 2).

É importante salientar que o embate travado por *Dionísio versus Sócrates* transformar-se-á no embate entre Dionísio versus o Crucificado (*Dionysos gegen den Gekreuzigten*). Isso acontece porque Nietzsche retira os aspectos particulares desses embates, inserindo-os no campo das histórias das ideias que são uma microvisão do escopo de seu modo de filosofar historicamente. Nesse sentido, sua intenção é atestar como o pensamento socrático chegou até sua época, e, sobretudo, combater-lhe. Quando a filosofia de Nietzsche, em seu período maduro, já está destituída de pressupostos metafísicos, ele acabará por metamorfosear tanto sua concepção do dionisíaco como do socratismo. Com efeito, o problema de Sócrates foi se transformando no decorrer da história do pensamento ocidental e o filósofo alemão interpreta as influências da filosofia socrática no pensamento moderno com os pressupostos da morte de Deus. A morte de Deus é anunciada no aforismo 125 da *Gaya Ciência*, intitulado por Nietzsche de “O Homem louco” que está à procura de Deus, mas que, todavia, não consegue encontrá-lo. Após várias indagações perguntando – onde estava Deus? – para outras pessoas que riam dele, chega à resposta de que Deus está morto, e o culpado por sua morte somos todos nós: a humanidade.

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – e como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? disse outro. Está se escondendo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar: “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi” *Nós o matamos* – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! [...] Não ouvimos o barulho dos covéis a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem limpará este sangue? Com que água podemos nos lavar? (...) (GC, *O homem Louco*, § 125).

Contudo, como Nietzsche transmuta tanto o socratismo quanto o dionisíaco? Como este combate se transformará entre *Dionísio e o Crucificado*? Lima diz que tanto o conceito do socratismo quanto do dionisíaco são transformados no pensamento tardio de Nietzsche, e, nessa nova perspectiva, o pensamento ocidental seria interpretado através da introdução da história das

ideias, que irá demonstrar a transformação sofrida por ambos os conceitos desde suas raízes na Grécia antiga até a ocorrência da morte de Deus na modernidade.

Mas tanto o socratismo quanto o dionisíaco, vistos por essa retomada do filosofar tardio nietzschiano, estão transmutados nessa nova perspectiva com o que o filósofo interpreta a história do pensamento ocidental, desde as suas raízes gregas até o advento da morte de Deus na modernidade. É essa metamorfose que deve ser compreendida (LIMA, 2006, p.175).

Logo, deve-se ter em mente, que o problema de Sócrates acaba se transmutando para o problema do crucificado e suas críticas à metafísica agora se concentra nos valores e conceitos sobrenaturais disseminados pelo cristianismo. Em seu livro: *O Anticristo*, o pensador alemão faz críticas incisivas aos conceitos e valores do cristianismo, como, por exemplo, no aforismo 15.

Nem a moral nem a religião, no cristianismo, têm algum ponto de contato com a realidade. Nada senão causas imaginárias (“Deus”, “alma”, “Eu”, “espírito”, “livre-arbítrio” — ou também “cativo”); nada senão efeitos imaginários (“pecado”, “salvação”, “graça”, “castigo”, “perdão dos pecados”). Um comércio entre seres imaginários (“Deus”, “espíritos”, “almas”); uma ciência natural imaginária (antropocêntrica; total ausência do conceito de causas naturais), uma psicologia imaginária (apenas mal-entendidos sobre si, interpretações de sentimentos gerais agradáveis ou desagradáveis — dos estados do *nervus sympathicus*, por exemplo — com ajuda da linguagem de sinais da idiossincrasia moral-religiosa — “arrependimento”, “remorso”, “tentação do Demônio”, “presença de Deus”); uma teleologia imaginária (“o reino de Deus”, “o Juízo Final”, “a vida eterna”). — Esse mundo de pura ficção diferencia-se do mundo sonhado, com enorme desvantagem sua, pelo fato de esse último refletir a realidade, enquanto ele falseia, desvaloriza e nega a realidade. Somente depois de inventado o conceito de “natureza”, em oposição a “Deus”, “natural” teve de ser igual a “reprovável” — todo esse mundo fictício tem raízes no ódio ao natural (— a realidade! —), é a expressão de um profundo mal-estar com o real... Mas isso explica tudo. Quem tem motivos para furtrar-se mendazmente à realidade? Quem com ela sofre. Mas sofrer com a realidade significa ser uma realidade fracassada... A preponderância dos sentimentos de desprazer sobre os sentimentos de prazer é a causa dessa moral e dessa religião fictícias: uma tal preponderância transmite a fórmula da *décadence*... (AC/AC, § 15).

Nessa perspectiva, o filósofo alemão acusará o efeito moralizante por causar o falseamento de todas as questões psicológicas. Como um antídoto para desvelar essas questões estaria sua visão dionisíaca do mundo que não só revelaria o modo como a moral interpreta a vida, mas, sobretudo, a superaria. Contudo, como foi exposto, o próprio Nietzsche pontua em *Ecce Homo* que as grandes descobertas de seu primeiro livro foi o entendimento do que significava o dionisíaco para os gregos, isso teria lhe mostrado sua *psicologia do trágico*¹¹ e teria lhe revelado a raiz de toda arte grega, bem como o entendimento acerca do socratismo. Também o elogio que Nietzsche faz em *Ecce Homo* sobre seu primeiro livro está fundamentado naquilo que ele mesmo batiza de *psicologia do trágico*. Mas o que seria a *psicologia do trágico*? Qual seria a relevância disso na obra de Nietzsche?

11 (EH/EH, *O Nascimento da Tragédia*, §3).

A investigação psicológica é muito importante na obra de Nietzsche. E o principal embate será travado entre a moral e a arte. O filósofo alemão acusa a moral por falsear todas as questões psicológicas, mas por outro lado, apresenta sua *filosofia dionisíaca* como possível método para desvelar tais questões. Em *Ecce Homo*, o pensador alemão expõe como sua investigação psicológica foi importante no decorrer de sua obra, afirmando que em seus livros há um psicólogo sem igual.

Que em meus escritos fala um psicólogo sem igual é talvez a primeira constatação a que chega um bom leitor – um leitor como eu o mereço, que me leia com os bons filólogos de outrora liam o seu Horácio. As proposições sobre as quais no fundo o mundo inteiro está de acordo – para não falar dos filósofos de todo mundo, dos moralistas e outros cabeças ocas, cabeças de repolho – aparecem em mim como ingenuidades do erro: por exemplo, a crença de que “altruísta” e “egoísta” são opostos, quando o ego não passa de um “embuste superior”, um “ideal”... Não existem ações egoístas, nem altruístas: ambos os conceitos são um contrassenso psicológico. Ou a proposição: “o homem busca a felicidade”... Ou “a felicidade é o prêmio da virtude”... Ou “prazer e desprazer são opostos”... A Circe da humanidade, a moral, falsificou o cerne – moralizou – todos os psicológica [as questões psicológicas] (...) (EH/EH, *Por que escrevo tão bons livros*, § 5).

Não obstante, *seguindo o embate entre a moral e a arte*, Nietzsche irá imaginar que a arte é a atividade propriamente metafísica da vida. Além do mais, ao conceber a *psicologia do trágico*, o filósofo alemão, resgata a relação entre a arte e a vida. Nietzsche admirava nos gregos a capacidade de dizer “Sim” aos perigos da existência. A visão artística que o pensador alemão expõe em *O Nascimento da Tragédia* seria a demonstração de sua visão dionisíaca do mundo. Lima demonstra que Nietzsche, ao fazer uma análise detalhada acerca do papel que a religião do deus Dionísio desempenhava na formação da cultura dos gregos, constatou os mais variados processos internos que faziam com que eles agissem de tal maneira, analisando a conexão que o deus Dionísio teria com o mundo natural e o ciclo da vida terrena. Não obstante, o saber que existia na religiosidade e nos mitos gregos, acabaram por lhe revelar a *psicologia do trágico*.

Ao analisar detidamente como a religião de Dioniso se transforma numa concepção de arte tão perfeita, Nietzsche investiga nesse processo os estados internos que impelem ao homem grego proceder assim. No simbolismo de nascimento, morte e renascimento do deus está a maneira como o filósofo compreende o ciclo da vida e do mundo; nele, a dor e o prazer são interpretados como os sentimentos mais naturais que o curso circular das coisas provoca. Na sabedoria do mito está a concepção de que à dor do parto segue-se com a alegria do nascimento; assim é na tragédia – ponto culminante da visão dionisíaca –, em que a ruína do herói provoca uma alegria suprema no espectador. Portanto, a alegria que a vontade de vida revela nos gregos está indissociavelmente relacionada aos tormentos a que estão sujeitos. (LIMA, 2006, p.148).

Ou seja, o modo como Nietzsche analisará *O nascimento da tragédia* em *Ecce Homo* terá com fio condutor suas impressões psicológicas intuídas com suas leituras dos antigos gregos. O filósofo alemão também acreditava que a forma inovadora com que ele analisou o povo heleno teria lhe revelado o modo com que eles conseguiam transformar em arte toda forma sombria de

sofrimento que há no fundo da existência. Estas seriam, portanto, as grandes inovações de seu primeiro livro.

Assim, é através da descoberta de Nietzsche acerca da psicologia do trágico, conjuntamente *com sua visão dionisíaca do mundo*, que ele teria encontrado um antídoto contra o modelo cristão niilista que nega a vida. Em seu projeto da transvaloração de todos os valores, o pensador alemão enxerga que *O Nascimento da Tragédia* teria um papel central devido ao seu caráter positivo, por justamente conseguir dizer “Sim” aos maiores problemas que existem na vida. Nesse contexto, em *Ecce Homo*, o filósofo alemão afirma que sua natureza dionisíaca não sabe separar o dizer “Sim” do fazer “Não”.

Eu sou, no mínimo, o homem mais terrível que até agora existiu; o que não impede que eu venha a ser o mais benéfico. Eu conheço o prazer de *destruir* em um grau conforme à minha *força* para destruir – em ambos obedeco a minha natureza dionisíaca, que não sabe separar o dizer Sim do fazer Não. Eu sou o primeiro imoralista: e com isso sou o destruidor por excellence. (EH/EH, Por que sou um destino, § 2).

Ao trazer essa questão agora, a partir do escopo da morte de Deus, podemos encontrar a batalha mencionada por Nietzsche – Dioniso versus o Crucificado (*Dionysos gegen den Gekreuzigten*)? Como compreender a visão dionisíaca do mundo? Lima apresenta através dos *fragmentos póstumos*, talvez, uma possível resposta para tais indagações, que foram escritas pelo próprio Friedrich Nietzsche na primavera de 1888.

Dioniso contra o “Crucificado”: aí tendes a oposição. *Não* é uma diferença quanto ao martírio – é só que ele tem um outro sentido. A vida mesma, sua eterna fecundidade e retorno, condiciona o tormento, a destruição, a vontade de aniquilamento. No outro caso, o sofrer, “o crucificado como inocente”, vale como objeção contra esta vida, como fórmula de sua condenação. – Adivinha-se: o problema é do sentido do sofrer: se é um cristão, se é um sentido pagão. No primeiro caso, deve ser o caminho para um ser que seja santo; no segundo, *o ser vale como santo o bastante* para isso: O homem trágico afirma ainda o mais acerbo sofrer: ele é forte, pleno, divinizado o bastante para isso; o cristão nega ainda a sorte mais feliz sobre a terra: ele é fraco, pobre, deserdado o bastante, para em cada forma ainda sofrer com a vida. O deus na cruz é uma maldição sobre a vida, um dedo apontado para redimir-se dela –; O Dioniso cortado em pedaços é uma promessa de vida: eternamente renascerá e voltará da destruição. (Lima, 2006, p.187 apud *Fragmentos póstumos* 14 [89] da primavera de 1888, tradução: RRTF).

6. Niilismo e a transvaloração de todos os valores

O niilismo tem um destaque no conjunto do pensamento de Nietzsche. O pensador alemão, buscou através de vários escritos demonstrar a importância desse tema na sua filosofia. Porém, se faz necessário salientar que Nietzsche não possui nenhuma obra específica sobre o niilismo. Assim sendo, como é possível categorizar o niilismo? Qual seu significado para Nietzsche? Pois bem, as respostas para tais indagações giram principalmente em torno da descrição que o próprio pensador procura fazer após 1881 nas obras: *A genealogia da moral*, *O crepúsculo dos ídolos* e *O Anticristo*.

Nessa perspectiva, nota-se que suas investigações sobre o niilismo se circunscrevem em questões acerca de sua crítica ao pensamento metafísico ocidental, bem como às formas tradicionais de organizações sociais fundadas no pensamento socrático-cristão. Com efeito, nesses anos, Nietzsche possui como objetivo concretizar sua filosofia a golpes de martelo. Direcionando seus golpes na crítica à filosofia tradicional, à moral e à religião. Procura também aniquilar todas as formas de vidas niilistas sobrenaturais para abrir caminho a um novo estilo de vida que colocaria a existência humana acima de qualquer coisa, desse modo, se desenhará seu combate implacável contra o cristianismo e o platonismo.

Ao investigar o surgimento das religiões a partir da história da moral, Nietzsche elabora sua tese fundamental para a compreensão do niilismo: o niilismo tem suas raízes na Antiguidade (em Sócrates, Platão e no cristianismo), devido a uma doença da vontade, fisiologicamente condicionada, a uma tendência negadora da vida que inventa o suprassensível como um refúgio para sua incapacidade de viver. Toda a história do homem ocidental passa então a ser compreendida como um processo que vai desde os períodos em que o niilismo está disfarçado de valores da moral cristã, até o período da mais extrema claridade, aberta pela constatação da morte de Deus, que impele o homem em busca de uma renaturalização e de um pensamento que afirme a existência e o mundo. (ARALDI, 1998, p.87).

Entretanto, a forma como Nietzsche trava sua batalha contra as tradições ocidentais é bastante problemática, pois trata-se de uma luta psicológica. Ou seja, o filósofo alemão procura destruir os pressupostos metafísicos do pensamento ocidental a partir de um objetivo pessoal que orbita em torno de sua concepção sobre o ser, para então iniciar sua luta contra o cristianismo e a moral tradicional. Além disso, este combate deve ser travado para confrontar seus inimigos – cristianismo e platonismo – nesse sentido, Nietzsche procura combater o pensamento cristão, demonstrando a falsidade por trás da sua forma de interpretar o mundo, colocando em suspeita seus pressupostos metafísicos.

Mas o modo particular *como* Nietzsche trava é extremamente problemático. Trata-se de um combate psicológico. A sua refinada, penetrante e pérfida psicologia destrói a tradição. Isto quer dizer que ele não chega a triunfar da metafísica, porquanto não examina filosoficamente a verdade dos pensamentos da metafísica, antes os tonando suspeitos. Ele não chega a triunfar do cristianismo, uma vez que luta contra uma caricatura do cristianismo, contra uma ficção psicológica do cristianismo. [...] Este combate deverá ser frontal; não deverá consistir em alimentar suspeitas sobre a psicologia do adversário, mas unicamente demonstrar a não verdade da interpretação metafísica e cristã do mundo. Não é o fato de Nietzsche atacar o cristianismo que é problemático; só o é a maneira como o faz. Se o cristianismo é a revelação do próprio Deus, nenhuma filosofia é suscetível de o molestar, mesmo as “portas do inferno” não podem triunfar dele, toda a finita sabedoria humana se desagrega quando se faz ouvir a palavra do filho de Deus(...) (FINK, 1988, p.130).

Durante seu combate, Nietzsche procura descrever o niilismo. Um tema em comum que aparece em seus escritos, segundo Araldi, é a “(...) desvalorização dos valores (*Entwerthung der Werthe*)”¹², que foi cometida pelas doutrinas transcendentais. Não obstante, devemos ter em mente

12 ARALDI, 1998, p.76

que Nietzsche procura transformar todas as questões de *ser* em problemas de *valor*. Para ele, o sistema de valores era comunitário, e os costumes de uma determinada tradição se manifestava através da moral de rebanho, sendo assim, os valores possuem a capacidade de conectar fortemente os indivíduos uns aos outros e existem objetivamente na realidade, não são uma coisa “*em si*” metafísica. Ou seja, Nietzsche procura trazer os problemas psicológicos das tradições ocidentais considerados como metafísicos para o terreno da moral e da ética. Nesse contexto, a fundamentação da vida de uma comunidade cria objetivamente todos os valores que estão conectados à nossa própria existência, portanto, a criação dos valores está intimamente ligada à vida humana. Nesse aspecto, a transvaloração de todos os valores iria procurar destruir as ilusões metafísicas criadas pelo platonismo e pelo cristianismo – que desvalorizam os valores – com a intenção de se construir uma nova perspectiva de vida, onde os valores estariam fundamentados na natureza, com o objetivo de que a realidade pudesse sobressair-se sobre os meta-erros. Nesse sentido, a transvaloração teria um cunho radical que procura uma mutação do próprio valor.

A transvaliação dos valores significa assim abolição da existência alienada, significa libertação de uma prisão e passagem do sono dogmático axiológico. Ao opor-se à vida alienada, ao regressar à criação esquecida que está na base de todos os sistemas de valores, Nietzsche contempla a própria vida. [...] Uma crítica universal dos sistemas tradicionais dos valores poderia muito bem consistir em retomar o projeto dos valores que os criou, isto é, tomar exclusivamente por objeto nas avaliações tradicionais a forma da ingenuidade, da alienação. Por detrás de todo o mundo de valores está a “vida”, que é o grande jogador. (FINK, 1988 p.132)

Pode-se considerar que uma das partes mais polêmicas do pensamento de Nietzsche está em sua crítica direcionada para toda fundamentação da moral e metafísica que são os alicerces da consciência religiosa cristã ocidental. Mas, qual seria a crítica de Nietzsche ao cristianismo? Será que ele queria dar fim ao sentimento religioso da humanidade? Pois bem, a crítica que o pensador alemão traz na sua filosofia contra a instituição do cristianismo está pautada principalmente no que tange ao desprezo que essa religião possui pela vida terrena, fundamentando seus valores e suas práticas em um mundo do *além*, que nega nossa própria natureza, em prol de uma crença na suposta existência de um mundo suprassensível “*em si*” em uma dimensão abstrata e imutável.

Esse mundo metafísico está vinculado à moralidade cristã e não passaria simplesmente de conjecturas psicológicas, isto é, seria fundamentado através da intersecção entre o pensamento religioso e as práticas dos seres humanos em sua vida coletiva, que, por sua vez, denotariam concepções equivocadas na criação de seus valores, bem como da sua ética e sua moral. Nesse sentido, as tradições oriundas do pensamento socrático e do cristianismo acreditavam que há um ordenamento com cunho de perfeição e imutabilidade, justamente por esse “mundo do além” não estar submetido às transformações e processos de geração e degeneração no qual está submetido o mundo natural em que vivemos. Entretanto, devemos levar em conta que Nietzsche não procura

dar cabo ao sentimento religioso que habita os seres humanos, ele procura elaborar uma filosofia que estabeleça uma conexão entre o ser humano e a(as) divindade(es), desde que estes valores sejam pautados no mundo natural, valorizando a vida e dignificando o mundo, como expõe Bittencourt.

Nietzsche, portanto, não elabora uma filosofia contrária ao espírito religioso, ao vínculo sagrado entre o homem e a esfera divina, desde que essa relação valorize e dignifique o mundo, divinizando tudo aquilo que existe, processo que considera ter existido entre os gregos antigos. Entretanto, há algo de distorcido na moralidade cristã que urge uma denúncia e uma correção e é esse projeto que Nietzsche leva a cabo ao longo de suas obras (BITTENCOURT, 2008, p.85).

Pois bem, para Nietzsche o cristianismo é um sinal de degeneração da cultura, onde os valores supremos da vida estariam sendo taxadas como “pecado”, “enganação” e “tentação”. Nesse contexto, uma característica marcante encontrada na doutrina cristã é a necessidade de fé no *nada*. Nietzsche analisará que a doutrina cristã surge, principalmente, como uma oposição ao mundo natural, o que levará o filósofo a categorizar o cristianismo como uma doutrina niilista, justamente por negar o “tudo” da vida em prol do “nada”, isto é, de conceitos metafísicos como, por exemplo, “Deus”, “alma”, “livre-arbítrio”, “pecado”, “salvação” etc..., que são fictícios e irrealis. Ou seja, uma característica marcante encontrada tanto na doutrina cristã como na tradição platônica, é a esperança em um mundo metafísico inexistente que surge como negação da própria realidade. Assim, Nietzsche intitula o deus cristão como o *Deus da decadência* onde o “nada” é canonizado e o “nada” é divinizado.

Em *O Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche expõe quatro teses sobre “*A ‘razão’ na filosofia*” em que ele acusará os filósofos por idealizarem conceitos que não estão no devir constante do vir-a-ser, isto é, conceitos que seriam uma *aeterna veritas* e se assemelhariam ao mundo das formas platônico, bem como às falsas concepções niilistas disseminadas pelo cristianismo que seriam uma fuga da realidade para outro mundo inexistente.

Primeira tese. As razões que fizeram “este” mundo ser designado como aparente justificam, isto sim, a sua realidade – uma *outra* espécie de realidade é absolutamente indemonstrável.

Segunda tese. As características dadas ao “verdadeiro ser” das coisas são as características do não-ser, do *nada* – construiu-se o “mundo verdadeiro” a partir da contradição ao mundo real: um mundo aparente, de fato, na medida em que é apenas uma ilusão *ótico-moral*.

Terceira tese. Não há sentido em fabular acerca de um “outro” mundo, a menos que um instinto de calúnia, apequenamento e suspeição da vida seja poderoso em nós: nesse caso, *vingamo-nos* da vida com a fantasmagoria de uma vida “outra”, “melhor”.

Quarta tese. Dividir o mundo em um “verdadeiro” e um “aparente”, seja à maneira do cristianismo, seja à maneira de Kant (um cristão *insidioso*, afinal de contas), é apenas uma sugestão da *décadence* – um sintoma da vida *que declina*... O fato de o artista estimar a aparência mais que a realidade não é objeção a essa tese. Pois “a aparência” significa, nesse caso, *novamente* a realidade, mas numa seleção de *correção* reforço... O artista trágico *não* é um pessimista – ele diz justamente *Sim*

a tudo questionável e mesmo terrível, ele é *dionisíaco*... (CI, A “Razão” Na Filosofia, § 6).

Contudo, a riqueza dos estudos feitas por Nietzsche acerca do niilismo parece que busca demonstrar a manifestação de uma crise cultural que instalou-se na sociedade ocidental a partir da interpretação do ser humano moralizado. Nesse aspecto, o pensamento moderno é um momento em que mais se radicalizou o processo do niilismo na cultura, segundo Nietzsche. Um evento essencial para entender a ausência de sentido na vida moderna é a *Morte de Deus*. O anúncio (feito pelo homem louco na *Gaya Ciência*) não é uma exposição metafísica sobre a existência ou não de um Deus, é uma exposição que possui o poder de tirar todo sentido da existência do indivíduo na modernidade, por destruir toda interpretação valorativa da vida que conecta nossa moral e nossa ética ao ser divino e absoluto que agora não existe mais. Esse evento também anula o dualismo entre mundo empírico e mundo transcendental, isto é, entre o mundo sensível e o supersensível. Quando o pensador alemão anuncia a morte do Deus cristão metafísico, ele procura destruir toda divisão feita pela tradição transcendental que existia até então. Contudo, a morte de Deus eleva o niilismo a um nível nunca visto na história da humanidade. Logo, ao colocar em suspeita os valores do cristianismo e demonstrar que o ser humano moderno trilhou caminhos errados a partir dos pressupostos metafísicos socráticos-cristãos, Nietzsche nega demasiadamente o passado, repudia todos os valores *embalsamados*, nega todas as tradições apelando para uma radical transvaloração de todos os valores.

Ao mergulhar profundamente no passado, ao pôr fundamentalmente em questão a tradição ocidental, Nietzsche rompeu desde o princípio com os críticos moralizantes em voga no século XIX. Ele não só se volta em atitude crítica para o passado como também põe em prática uma decisão, procede a uma reavaliação dos valores ocidentais, possui uma vontade de futuro, um programa, um ideal. Não é, porém, um utopista, nem um reformador ou benfeitor do universo; Nietzsche não acredita no “progresso”. Em relação ao futuro tem uma sombria profecia, é o áugure do niilismo europeu. (FINK, 1988, p.8).

Pois bem, quando Nietzsche insere seu procedimento de filosofar através da história, constata que o niilismo possui suas raízes na antiguidade que teria sua manifestação em um Deus moralizado metafísico que declara juízos de condenação à vida terrena, trazendo à tona o mais estranho dos hóspedes, isto é, o niilismo. É com sua forma de analisar a procedência da moral através da história que o pensador alemão, procura categorizar várias formas de manifestação do niilismo. Nesse sentido, o que o filósofo alemão compreendia por moral tinha um duplo significado, a mesma moral que tonar os indivíduos fracos e malogrados, também pode criar uma comunidade de pessoas fortes e superiores. Isso dependerá de como os valores são criados, ou seja, se os valores são a representação respectivamente da moral dos senhores (*Herren-Moral*) ou da moral dos escravos (*Skalen-Moral*).

Na ética cristã surge a interpretação moral da vida e do mundo, que por sua vez, possui seu nascimento na fundamentação do pensamento socrático-platônico que tem por finalidade o desejo de se alcançar a verdade metafísica da existência. Entretanto, na tradição cristã, surge uma ambiguidade: “A vontade de verdade que nasce da moral cristã, volta-se contra a moral, e contra a necessidade de mentira e falsificação do mundo que ela comporta¹³.” Ou seja, a moral socrática-cristã cria uma falsificação da realidade em busca de uma verdade transcendental, e o niilismo seria a decorrência da necessidade de se pressupor verdades metafísicas.

Para compreender a *dynamis* da história do ocidente, Nietzsche procura compreender a história da moral como sendo interligada à história da racionalização. Os valores da moral cristã são derivados do mundo verdadeiro, do suprassensível. Assim sendo, a moral cristã pressupõe, desde sua instauração, a oposição metafísica entre o mundo suprassensível e o mundo sensível. Como o mundo suprassensível é a fonte dos valores superiores da moral, o mundo sensível é condenado como inferior, não verdadeiro (...) (ARALDI, 1998, p.79).

Isso quer dizer que, para Nietzsche, os valores da tradição cristã possuem sua gênese na contradição entre o mundo transcendental verdadeiro – e o mundo aparente natural. Além disso, toda fundamentação da metafísica ocidental possuiria seus alicerces na moral e, no decorrer da história ocidental, a moral e a metafísica estariam interligadas, o que por sua vez incorre nos desdobramentos do niilismo com suas mais variadas formas.

Em *A genealogia da moral*, o filósofo alemão analisa as tipologias da moral e é um momento muito importante no pensamento nietzschiano, pois nessa obra, ao tratar da pré-história da moral, ele encontra a raiz de todo niilismo que se revelaria no “ressentimento, na má-consciência e no ideal ascético”¹⁴. Ao colocar em dúvida qual seria a procedência dos valores morais, o pensador genealogista procura encontrar qual a natureza do niilismo que atinge o ser humano moderno europeu. Discorrendo sobre o conceito de culpa e castigo e da relação de credor e devedor que derivam delas, Nietzsche constata que a má-consciência se manifesta como uma espécie de doença fisiológica no ser humano. Esse sintoma, para Nietzsche, seria a decorrência da domesticação involuntário do ser humano (animal), que é obrigado pela instituição da sociedade civilizada a seguir padrões e leis comunitárias. Deste modo, o abandono da vida selvagem e a repressão dos instintos primitivos, fizeram com que o ser humano interiorizasse seus instintos, empreendendo violência contra si mesmo. Por conseguinte, isso lhe acarretaria uma tortura da alma que se manifestaria como uma espécie de psicopatologia. Além do mais, a criação do Deus cristão alavancou o sentimento de culpa a um patamar nunca visto até então e o sacerdote seria uma espécie abusador que cria a doença e vende a cura posteriormente.

13 ARALDI, 1998, p.79

14 ARALDI, 1998, p.80.

Com o intuito de radicalizar o movimento niilista da moral dos escravos até esgotá-lo e ultrapassá-lo, o filósofo interpreta como Imoralista a história da moral; entretanto, é da perspectiva do doente que ele aprecia os valores mais sádios da humanidade. Enquanto pensador moderno, Nietzsche assume essa dupla perspectiva (da doença e da sanidade). A clareza surge quando o niilismo se radicaliza, após o vazio deixado por Deus, através de um radical questionamento: ou o homem é sadio em seus instintos mais profundos e nega o mundo de suas venerações ou senão ele será vitimado pelo niilismo. (ARALDI, 1998, p.81).

Investigando as origens e o significado dos ideais ascetas, Nietzsche expõe o motivo pelo qual os filósofos sentem-se atraídos por tal estilo de vida. Além disso, ao analisar com mais atenção suas reflexões percebe-se que implicitamente ele está propondo um estilo de vida que seria o que realmente um filósofo deveria seguir.

Vê-se que não são juízes e testemunhas imparciais do valor do ideal ascético, esses filósofos! Eles pensam *em si* – que lhes importa “o santo”! Pensam no que lhes é mais indispensável: estar livre de coerção, perturbação, barulho, de negócios, deveres, preocupações; lucidez na cabeça; dança, salto e vôo do pensamento; um bom ar, fino, claro, livre, seco, como é o ar das alturas, em todo animal tornar-se mais espiritual e receber asas; paz em todos os subterrâneos; todos os cães bem amarrados à corrente; nenhum latido de inimizade e de cerdoso rancor; nenhum verme roedor de ambição ferida; vísceras modestas e submissas, diligentes como moinhos, mas distantes; o coração alheio, além, futuro, póstumo(...) (GM/GM 1998, *O que significam os ideais ascéticos?*, § 8).

Assim, pode-se constatar que para Nietzsche, pelo menos quando nos referimos aos livros *A genealogia da moral*, *O crepúsculo dos ídolos* e *O Anticristo*, não há um único exemplo daquilo que poderia ser chamado de niilismo. Por um lado, o autor apresenta a condição do niilismo – a má consciência, o ressentimento com a vida, uma certa debilidade fisiológica –, e por outro lado ele descreve as expressões do niilismo – socrático-platônico, kantiano, científico. Estas, apesar de possuírem características distintas, carregam consigo a duplicação do mundo e a negação do mundo e da vida em prol de sua duplicata “purificada”. Também percebe-se como, para o autor alemão, é levando o niilismo ao seu extremo que é possível ultrapassá-lo, é somente quando o niilista (utilizando de sua vontade de verdade moderna) questiona a verdade da própria verdade, questiona o valor dos valores, por exemplo, isto é, é somente quando o niilista nega não somente a vida mas também seu ato de negar a vida (este que também é um ato de vida, mas um ato de uma vida debilitada e fisiologicamente doente) que a possibilidade de transvalorar os valores e produzir valores vitalmente afirmativos surge para a sociedade moderna.

Diante do caminho teórico percorrido pode-se agora direcionar a pesquisa para as considerações finais e retomar as questões colocadas por esta monografia e as possíveis respostas desenvolvidas a partir dos textos nietzschianos selecionados e esmiuçados.

7. Considerações finais

Concluimos que em nossa opinião Nietzsche não era um niilista. Muito pelo contrário, em suas obras encontramos uma filosofia que procura repensar nossos valores para a instauração de

novos costumes que devem ser fundamentados através da natureza e da realidade. Ao longo desta pesquisa, demonstramos a radicalização que é um traço marcante na filosofia nietzschiana, além do seu desejo de transvalorar os valores sobrenaturais. Assim, constatamos que o pensador alemão nega impiedosamente o passado e procurar uma reconversão dos valores niilistas que são manifestados na tradição cristã e no pensamento idealista, ambos influenciadas pela herança platônica. Portanto, percebemos que o pensador alemão, procura encontrar valores vitalmente sadios em um mundo que nega tudo em que realmente encontra-se sentido, em prol de um “nada” transcendental.

Nesse contexto, ao trabalharmos os conceitos de apolíneo e do dionisíaco, apresentamos pontos do pensamento metafísico do jovem Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia*, nossa intenção com isso, foi mostrar a mudança que acontece com o filósofo alemão ao ter sofrido influências do ceticismo, e apresentar a discrepância que há entre um período e outro de sua filosofia. Além do mais, acreditamos que é possível encontrar uma intersecção entre a sua filosofia inaugural e o seu pensamento de maturidade. Nietzsche em sua *Tentativa de autocrítica* e no *Ecce Homo* aponta para o redimensionamento de sua obra inaugural, sinalizando que em *O Nascimento da Tragédia*, ocorreu sua primeira transvaloração, isto é, a gênese de uma nova perspectiva para se mensurar os valores. Com efeito, constatamos que há uma relação entre seu tratado de estética com o projeto de transvaloração de todos os valores, essa relação está contida entre a arte e o conhecimento. Mostramos que através de seus estudos sobre a arte trágica, surgirá sua psicologia do trágico e sua visão dionisíaca do mundo, estes conceitos seriam capazes de contestar uma tendência exacerbada do racionalismo socrático inartístico, tanto estético quanto teórico. Contudo, a sabedoria trágica dionisíaca pode ser aprendida através da arte, e a luta de Dionísio contra Sócrates teria um cunho para servir de alerta ao ser humano na modernidade, acerca de como é decadente o estilo de vida fundamentado nos saberes platônicos, e como através da prática artística e do conhecimento dionisíaco o ser humano é capaz não só de questionar os valores decadentes, mas, sobretudo, de superá-los.

Não obstante, a crítica ao racionalismo socrático é bastante incisiva e perdurou em seus escritos finais. A acusação feita por Nietzsche a Sócrates, vai no sentido de que Sócrates foi o “transvalorador” da Grécia antiga, responsável por ter expulsado a visão dionisíaca do mundo deles. Ou seja, Nietzsche torna Sócrates seu “inimigo”, por ele ter subvertido os impulsos dionisíacos da cultura dos cidadãos, exacerbando o apolíneo corrosivo e estático através do racionalismo. Assim, Nietzsche apresenta Sócrates também, como um indivíduo que se achava capaz de revelar a verdade acerca do ser, bem como imaginava ter a capacidade de corrigir suas falhas por meio de seu imperativo categórico “conheça-te a ti mesmo” e “nada em demasia”.

Também apresentamos ao longo do texto – Apolo como divindade ética capaz de manter o *principium individuationis*.

Em detrimento, a sua filosofia de juventude, os escritos derradeiros de Nietzsche trazem um movimento oposto à metafísica e à filosofia da vontade schopenhaueriana, inclusive tecendo críticas a elas devido a uma mudança radical de perspectiva do pensador alemão, que foi fortemente influenciada pelo ceticismo. Contudo para compreendermos as críticas contidas em suas primeiras teses, serão de grande valia, analisar temas que são assuntos pertinentes em sua filosofia peremptória. Nesses temas, notamos aspectos sobre o combate ao pensamento socrático que possui grande influências no idealismo e no cristianismo. Além do mais, ao mudar de perspectiva, abandonando seu pensamento metafísico, Nietzsche, concebe uma ética-estética que valoriza a existência e a natureza. Agora não há mais a dicotomia entre essência e aparência, tampouco será possível a concepção de Uno-primordial que era a meta do ser humano ao entrar no estado dionisíaco. Ou seja, com o ceticismo, o pensador alemão, mudou radicalmente seu espírito, ao trazer todas as questões consideradas metafísicas, para o campo da moral e da ética. Todos os problemas agora encontram-se na vida e no mundo, não há nenhum véu de maia que encobre a realidade de nós mesmo, em suma, a aparência é a essência e tudo está submetido ao vir-a-ser. Neste horizonte, que o filósofo imaginará a necessidade da arte em nossas vidas, já que não se pode mais pensar em um mundo verdadeiro “em si”, restando para a humanidade somente a aparência, toda arte, portanto, torna-se digna de ser apreciada por não ser uma cópia imperfeita de um mundo “em si” imutável. A arte agora é a representação máxima de nosso mundo, e possui a capacidade de afirmar nossa existência.

Desse modo, ao constatarmos a intersecção que há entre o pensamento de juventude de Nietzsche, com sua filosofia de maturidade, mostramos que a figura de Dionísio foi transmudando-se com o amadurecimento do pensador alemão. Então, em sua filosofia última, conseguimos vários aspectos do pensamento naturalista nietzschiano e da sabedoria trágica, tendo como anunciador a figura de Dionísio. Portanto, toda fundamentação desta pesquisa, está no embate do natural contra o sobrenatural. O natural que é representado através da figura de Dionísio e o sobrenatural com as figuras de Sócrates e do Crucificado. Expomos também, ao longo deste trabalho, que a batalha concebida por Nietzsche posteriormente, é apresentada nas figuras de Dionísio versus o Crucificado. Este embate, encontra-se na luta do sobrenatural versus o natural. Entendemos também que está na contestação de Nietzsche em relação à figura moralizada do Crucificado. O que o pensador alemão julgará pertinente na figura de Dionísio de *O Nascimento da Tragédia*, é sua tendência imoralista, isto é, Dionísio concebido como *O Anticristo*. O filósofo alemão, associa

também, a moral como vontade de negação da vida, seu Dionísio é o valorador da vida com suas tendências puramente artísticas.

[...] acaso seria a moral uma “vontade de negação da vida?”, um instinto secreto de aniquilamento, um princípio de ruína, de apequenamento, da calúnia, um começo do fim? E em consequência, o perigo dos perigos? *Contra* a moral, pois voltou-se, com esse livro problemático, meu instinto, como instinto defensor da vida, e inventou para si, radicalmente uma doutrina e uma valoração puramente artística, *anticristãs*. Como denominá-las? Como filólogo e homem das palavras as batizei, não sem certa liberdade – pois quem conheceria o verdadeiro nome do Anticristo? – com o nome de um deus grego: chamei-as dionísíacas. (LIMA, 2006, p.202 apud GT/NT, Ensaio de autocrítica, § 5).

Nesse contexto, notamos que o pensador iconoclasta demonstrou que, com as figuras de Sócrates e do Crucificado, como uma visão de mundo moralizada pode trazer falsas impressões da realidade, a ponto de desembocar no pior dos hóspedes, isto é, o niilismo. Assim, a visão dionísica do mundo chamou nossa atenção e será alvo de pesquisas futuras.

Portanto, concluímos que o cenário atual do nosso mundo clama por vanguardas filosóficas que possam transformar e repensar nossos valores. Os valores cristãos em todo seu conjunto encontram-se na representação do sobrenatural, pautando-se em um deus que está na cruz depois de ser capturado, torturado e morto. O deus Dionísio opõe-se ao mártir na cruz. É a representação da vida, da fertilidade, da sensualidade e do vinho (bebida narcotizante). Assim, o projeto de transvaloração de todos os valores que Nietzsche pretendia colocar em prática antes de seu colapso nos faz refletir sobre a instauração de valores sadios em uma existência que faça sentido. Pelo ser humano que não celebre a morte, mas que exalte a vida. Que nossos valores sejam pautados por saberes científicos e não pelas verdades sobrenaturais (meta-erros). Pela emergência da desalienação da mente de nossa posteridade. Por um mundo onde nossos desejos possam ser saciados e não reprimidos. Ainda pela defesa da transvaloração de todos os valores, acreditamos que nossa pesquisa seja relevante para o cenário atual, pois cada vez mais a irracionalidade busca argumentar através da fé, os pressupostos para uma *aeterna veritas*. Contudo, notamos que a fé atualmente, transveste-se de razão, ou seja, este sintoma do niilismo surgiria através da constatação de um “mundo-hospício”.

8. Bibliografia

- ARALDI, Clademir Luís. **Para uma caracterização do nilismo na obra tardia de Nietzsche**. Cadernos Nietzsche, n. 5, p. 75-94, 1998.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. **O problema do Crucificado na crítica de Nietzsche ao Cristianismo**. TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, v. 1, n. 1, 2008.
- BURNETT, Henry. **Cinco prefácios para cinco livros escritos: uma autobiografia**. Belo Horizonte: Tessitura Editora, 2008.
- DALLA VECCHIA, Ricardo Bazilio. **Nietzsche e a metafísica do artista: O centauro e o fio de Ariadne**. Tese (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP, 2009.
- DE ANDRADE, Pedro Duarte. **As mutações de Dioniso em Nietzsche: da Visão dionisiaca do mundo ao “Gênio do coração”**. 2018. Tese de Doutorado. Puc-Rio.
- FINK, Eugen. **A Filosofia de Nietzsche**. Lisboa – Portugal, 1988. Tradução: Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Editora Presença.
- GIACCOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche**. Folha explica, PubliFolha. São Paulo – SP, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche I**. 1º Ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2010.
- HERMANN, Nadja. **A estética nietzscheana e a subversão da identidade**. Tópicos de filosofía y educación para el siglo XXI, p. 39, 2021.
- KAUFMANN, Walter. **Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist**. Princeton, Princeton University Press, 1974.
- LEFRANC, Jean. **Comprender Nietzsche**. 5º. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 2005.
- LIMA, Marcio José Silveira. **As marcarás de Dioniso: filosofia e tragédia em Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí. RS: Editora Unijuí, 2006. (Sendas e Veredas/ Coordenadora Scarlett Marton).
- LIMA, Márcio José Silveira. **Filosofia e tragédia. Um exame do dionisiaco na obra de Nietzsche**. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração de todos os valores**. 2ª ed. São Paulo – SP: Moderna, 2006. (Coleção logos)
- MÜLLER, Enrico. Entre Logos e Pathos. **Artefilosofia**, v. 7, n. 13, p. 41-56, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: Prelúdio de uma filosofia do futuro**. Curitiba: Hemus Livraria, distribuidora e editora S.A., 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaya Ciência**. Tradução Paulo Cesar de Souza, Companhia das letras, São Paulo – SP, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora: Reflexões sobre os preconceitos morais.** Tradução Paulo Cesar de Souza, Companhia das letras, São Paulo – SP, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos.** Tradução Paulo Cesar de Souza, Companhia das letras, São Paulo – SP, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo.** Tradução Paulo Cesar de Souza, Companhia das letras, São Paulo – SP, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragments Póstumos (1885 – 1889): Volumen IV.** Traducción y introducción y notas de Juan B. Llinares (Universidad de Valencia) y Juan L. Vermal (Universidad de las Islas Baleares). 2º Edición. Madrid – Spain: Tecnos,2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica.** 11ª reimpressão. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo e Ditirambos de Dionísio.** Tradução Paulo Cesar de Souza Companhia das letras, São Paulo – SP, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo.** 2º. Ed. 3ª reimpressão. São Paulo, SP: Companhia Das Letras, 1992.

SALAGUARDIA, Jörg. **“Dionysus versus the crucified one: Nietzsche understanding of the Apostle Paul”.** In: CONWAY, Daniel (Org.). *Critical assessments.* Londres/ Nova York, 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação.** 2ª reimpressão. São Paulo, SP: UNESP, 2005.